

Chegando ao Ponto – Estreia Cine Clube Ponto de Economia Solidária Butantã

Ianni Scarcelli

Expresso minha alegria e agradeço a oportunidade de estar na estreia do Cine Clube Ponto de Economia Solidária Butantã para conversarmos sobre o documentário produzido por vocês “Chegando ao Ponto”. Esse encontro me faz lembrar que a fundação de um cineclubes foi parte da minha formação como estudante de psicologia. Era início da década de 1980, e junto com colegas do movimento estudantil de outros cursos formávamos o Cine Clube USP. Foi uma experiência marcante durante minha permanência como estudante na Universidade. Iniciativas como essas, ontem e hoje, sempre me dão alegria.

Quanta beleza e potência estão em iniciativas que se produzem em vários cantos desta cidade, em vários locais de nosso país, mesmo diante de adversidades e desmontes de projetos por parte de governantes autoritários. Muitas dessas experiências ressoam na vida de quem delas participa, ressoam nos entornos e inspiram outras iniciativas. Contudo são produções que frequentemente ficam invisíveis aos olhos de pessoas, grupos, instituições governamentais e instituições acadêmico-científicas.

Recentemente ouvi um programa na Rádio USP, com professores que têm grandes méritos na sua área específica de trabalho, e que se dispuseram a falar sobre algo que parecem desconhecer: a Nota Técnica nº 11/2019 do Ministério de Saúde, que introduz o hospital psiquiátrico na rede de atenção psicossocial e adota o eletrochoque como terapêutica. A mensagem passada por eles foi de que essa Nota era uma iniciativa importante porque apesar da relevância da luta antimanicomial, pouca coisa foi feita diante do desmonte de parte dos hospitais. Demonstraram, com essa posição, um desconhecimento de ações, práticas, políticas e iniciativas importantes na construção de redes de atenção em saúde mental e na desconstrução da cultura manicomial, entre outros aspectos, ao afirmarem que nosso país deveria inspirar-se, por exemplo, nas oficinas abrigadas desenvolvidas em outros países. Desconhecem que as cooperativas são parte importante da experiência brasileira. Ignoram a existência deste Ponto, localizado ao lado da USP, que conta com a colaboração de professores e professoras de diferentes Unidades dessa universidade, que está localizado próximo ao nosso campus e

tem entre suas referências, as incubadoras implementadas pelo nosso querido professor Paul Singer com apoio de docentes e estudantes.

Por isso, reafirmo a importância de espalharmos pelos quatro cantos da nossa cidade, do nosso estado, do nosso país produções dessa natureza.

Considerarei importante fazer esse preâmbulo, antes de começar a falar do filme e de passar a palavra para circular na roda, para ressaltar a importância da experiência que vem sendo desenvolvida neste Ponto

Vou ressaltar mais uma vez a minha alegria e dizer que foi muito bom ver o filme. Ver o professor Paul Singer presente. Ver um trabalhador do Ponto – que me atendeu em vários almoços feitos aqui – saindo de sua casa, vindo para cá e abrindo ao público os bastidores desse empreendimento que tão bem nos acolhe.

Destaco o brilho nos olhos de quem está nessa construção: a luz refletida pelos olhos de quem fala da solidariedade e que se expressa por “alegria, alegria, alegria, sem motivo aparente”. Que maravilha a alegria de contentamento com a existência e, mesmo diante de tantas adversidades, cultivar a alegria sem motivo aparente.

Falas e imagens apresentam o Ponto que agrega iniciativas de geração de renda pautadas por princípios de sustentabilidade e cuidado com o meio ambiente, desenvolve ações que se importam com a forma que se dá a produção e a cadeia produtiva. Que buscam cuidar do como se produz e de quem produz, ressaltando a cooperação, as ações e relações estabelecidas de modo solidário. Isso é estratégia de proteção.

É sempre bom lembrar que não somos seres separados do contexto e da sociedade que, por sua vez, não está separada do grande Universo. Tenho entendido que a principal causa de sofrimento de seres humanos está na dualidade presente em nossas vidas. Constituímo-nos com a ilusão de sermos seres separados de outros seres e coisas; indivíduos dicotomizados em mente/corpo e separados da sociedade. Construímos uma sociedade que, entre tantos antagonismos, polariza o normal e o patológico, a saúde física e a saúde mental, os capazes e os incapazes, os sãos e os loucos.

Ideologia do individualismo que prepondera, dizem alguns autores, e que incorporamos de modo naturalizado, como se umas pessoas fossem mais merecedoras do que outras. Entre inúmeros modos de marcar os ‘sem mérito’, encontramos instituições como os manicômios. Uma trabalhadora do Ponto expressa e questiona:

“eu não me sinto incapaz, nós não somos incapazes, nós precisamos de liberdade, precisamos de quem acredite na gente.”

Ela denuncia a ideologia meritocrática que atribui o que é bom aos que ‘merecem’. Aos que não possuem esse merecimento, que apenas sirvam nos moldes regidos pelo capital. Se não pode servir, que seja excluído.

A dualidade, as dicotomias, evidenciam-se no processo de trabalho: alguns poucos são donos dos meios de produção e muitos outros são engrenagens dessa produção. Nesse processo, seres humanos tornam-se coisas, como bem expressa uma outra trabalhadora do Ponto:

“O capital nunca adocece. As pessoas submetidas a essa lógica perversa é que adoecem.”

O que escapa, nesse modo ideológico de ver o mundo, é que quando uma pessoa ou um grupo adoecem, isso ressoa em todos. Todos podem adoecer por causas semelhantes, apesar da desigualdade no modo como elas ocorrem. Suicídio e depressão, por exemplo, se estendem atualmente por todas as classes sociais.

Então o filme traz uma mensagem importante: cuidemos de todos e de tudo que nos rodeia. Se a economia do capital é algo que faz adoecer, a economia solidária é um modo de cuidar das pessoas, tanto de quem produz quanto de quem consome. Todos podem se beneficiar dessa produção; tanto os trabalhadores que preparam os alimentos, criam o artesanato, fazem circular cultura através dos livros e da música, quanto quem se beneficia ao receber essa produção. A comida que nos alimenta, os livros que expandem nossos horizontes, as artes que nos tiram das caixinhas da razão, são expressões de uma longa história, de uma cadeia de trabalho invisível aos nossos olhos. Trabalhar solidariamente é também um modo de cuidado que abrange nosso ambiente, nosso corpo, mente e grupo social.

Encaminhando-me a um último ponto que gostaria de deixar registrado, remeto-me à uma perspectiva da psicologia social, com a qual eu trabalho, em que tudo é visto como relacionado, como uma totalidade que não separa a dimensão do sujeito, dos pequenos grupos (as relações intersubjetivas) e dos grandes grupos (dimensão institucional que representa a estrutura social). O grupo entendido como operativo é

ligado pela tarefa, que é um trabalho feito na construção de uma referência comum. Elaboração de um esquema conceitual operativo que não separa sentir, pensar e agir, e que permite a comunicação, a aprendizagem, a adaptação ativa à realidade, traduzida também como saúde mental. Esta se expressa pela mobilidade de papéis/posições que podemos ter nos grupos (familiar, de trabalho, na escola, de amigos, etc.). Em outros termos, seria a possibilidade de vivenciar papéis estabelecidos institucionalmente (pai, filha, professora, aluno, psicólogo, gestora, etc.) e ‘qualidades’ atribuídas socialmente (bom, mau; capaz e incapaz; louco e são).

Faço menção a isso, porque esse modo de adaptação ativa expressa-se no filme: quem é cuidado pela manhã em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) é, à tarde, trabalhador no Ponto. Profissional que atende usuário/usuária desse serviço pela manhã, é atendido no almoço pela mesma pessoa que prepara o almoço servido no Ponto; à tarde, podem todos estarem na mesma reunião para tomarem decisões e encaminharem assuntos em uma relação horizontal. Modos de se relacionarem que preservam as diferenças e singularidades. Trabalhadores/trabalhadoras dos serviços de saúde e do Ponto de Economia Solidária são parceiros, cada qual dando as coordenadas de acordo com locais/posições que ocupam em situações diversas.

Eu diria que a economia solidária, tal como aparece aqui, é também saúde, diversidade, relações horizontais. Local que certamente não está livre dos conflitos do capital e das relações manicomiais de nossa sociedade, mas certamente agrega possibilidades para a construção de outros modos de trabalho, outra representação de mundo (ideologia) e práticas que dão passos importantes na desconstrução da cultura manicomial.